



KRAUSZ, Luís Sérgio. *O desterro: memórias em ruínas*. São Paulo: Tordesilhas, 2011. 164p.

Um sonho da vanguarda no Brasil

Albert von Brunn*

São Paulo, uma manhã cinzenta: uma luz morteira atravessa as vidraças, o céu é cor de chumbo e o sol não sabe se vai furar a espessa capa de fuligem para atingir os habitantes da cidade. Um narrador sem nome vagabundeia pelas ruas da megalópole relembrando uma festa judaica que só celebrava uma coisa – a pátria perdida do outro lado do oceano, a Prússia e a Áustria, Viena e Berlim.

O momento central dessa viagem pendular entre dois continentes é o episódio dos relógios: “De todas as obsessões austro-húngaras de minha família nenhuma atingira a magnitude da dos relógios, que transbordara todas as medidas para se tornar um empreendimento sério, cujo objetivo secreto talvez fosse a própria captura do tempo.”¹

Uma porta espessa, como uma colcha de cortiça, isola o quarto dos relógios do resto do mundo, onde ressoam os acordes dos carrilhões mais variados num concerto cacofônico. O avô, preso no meio daquele caos, faz pensar numa das primeiras instalações da arte moderna: *Sculpture de Voyage* (1918) de Marcel Duchamp (1887-1968): uma série de fios elásticos, reforçados por barbantes e fixados nas paredes transformam o ateliê do artista numa urdidura de goma.² Para Marcel Duchamp, exilado em Buenos Aires entre 1918 e 1919, essa instalação significava o desterro e, ao mesmo tempo, uma relação artística entre o surrealismo europeu e a vanguarda americana.

No romance *Desterro*, de Luís S. Krausz,² o avô se fecha no quarto dos relógios para catalogar os objetos de sua coleção e mantém o segredo do seu fazer até o final. Os relógios são a metáfora central do texto e unem o motivo do desterro ao da vanguarda. O livro acaba com o roubo de uma pintura expressionista de Jakob Steinhardt (1887-1978) que volta a aparecer no museu judaico de Berlim. Até certo ponto, trata-se de um retorno ao lugar de origem, mas, ao mesmo tempo, esse final faz pensar na triste história dos roubos de objetos artísticos praticados pelos nazistas. Os relógios e as pinturas viram símbolos ambíguos a meio caminho entre uma cultura perdida e o holocausto.

Como numa peregrinação pós-moderna, o narrador de Luís Krausz erra por dois continentes, Europa e América. Mas a procura obsessiva de sua família em pós-guerra de uma Europa perdida acaba num porão de São Paulo, onde a



mobília de uma classe média judaica arruinada disputa o espaço com o mofo e as ratas. A peregrinação acaba por levar à Europa.

O destino não é, porém, uma Alemanha sonhada de florestas negras e relógios de cuco, mas a paisagem lunar das minas de carvão de Duisburg e o centro histórico de Zurique, completamente vazio. A Europa não equivale à glorificação cultural do viajante, é apenas uma romaria por um continente destruído. Ao narrador, resta a linguagem como única bagagem. Os membros da família, paladinos da cultura europeia, morrem um por um e o narrador só sabe contar a sua história como única salvação possível.

* **Albert von Brunn** é Doutor em Letras Românicas pela Universidade de Basileia (Suíça) e administrador do acervo de línguas românicas da Biblioteca Central de Zurique.

Notas

¹ KRAUSZ, Luís Sérgio. *O desterro*: memórias em ruínas. São Paulo: Tordesilhas, 2011. p. 48.

² Luís Sérgio Krausz nasceu em 1961 em São Paulo, estudou língua hebraica e cultura judaica nas Universidades de São Paulo, Nova Iorque e Zurique. *O desterro*, o primeiro livro traduzido para o alemão e lançado em março com muito êxito em Leipzig, será uma das grandes descobertas da Feira do Livro de Frankfurt dedicada ao Brasil.